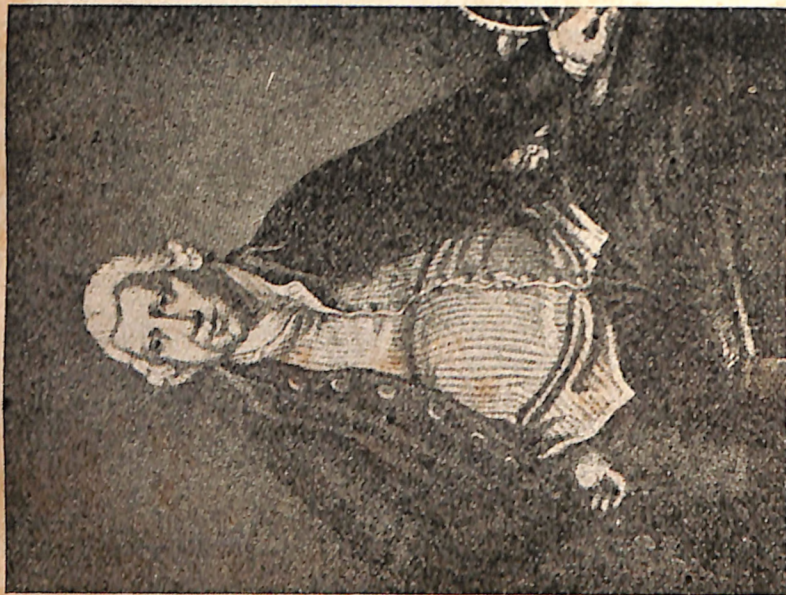




Caricatura do "General Ludd".



Ricardo Arkwright.

Nesses dias de Terror, a abstração se alia às fôrças instintivas mais obscuras da alma humana, às paixões turvas, aos desejos e às cubiças sombrias. O apêlo à igualdade aciona agora antiquíssimos mecanismos de ódio nas almas de pequenos retalhistas, operários, vendedores de peixe e prostitutas. A fome, a miséria, a inveja, fazem surgir uma estranha ralé de sujeitos em mangas de camisa, trajando calças de marinheiros, o barrete vermelho sôbre a nuca, o trinchete no punho, e de megeras esfarrapadas armadas de cacetes, de piques e de archotes. Horrendos fantasmas esfomeados, arrastam-se berrendo e rufando tambores, pela estrada de Versalhes enlameada pelas chuvas. Lá querem ir buscar o rei e a rainha para levá-los a Paris.

E, durante a volta de Versalhes, as mênades do mercado do peixe divertem-se a dansar de roda em redor do carro da rainha e a cantar-lhe em côro as canções mais obscenas. Em caminho, em Sèvres, o cortejo pára, e um cabeleireiro penteia e empoa as cabeças decepadas dos guardas reais levadas em triunfo na ponta das lanças.

Um humor diabólico na sua frieza, horrífico na sua objetividade, cunha expressões como o "espirro no cesto", do guilhotinado, põe em cena festas como o morticínio dos fidalgos nos cárceres, para cujo espetáculo se erigem assentos para o público feminino. Este humor é que inspira aos algozes a idéia de espetar velas na bôca dos mortos, para dêste modo iluminar de noite o teatro dos massacres.

Nos círculos revolucionários, não tarda a pegar a moda de levar no bolso um par de orelhas cortadas à cabeça dos aristocratas e de mostrá-las de repente para recrear as moças, atando-as no chapéu.

A Razão santifica e justifica tudo. Em seu nome, homens são enforcados, calcados aos pés, afogados e queimados. Empresta à carnificina uma feição de objetividade e de impessoalismo que apenas serve para tornar o conjunto ainda mais sinistro.

Depois da tomada da Bastilha, um cozinheiro desempregado, atravessando a multidão, aproxima-se do cadáver do comandante da fortaleza, morto a pancadas e, tirando do bôlso uma pequena faca de cabo preto, carneia o morto segundo todos os preceitos do matadouro. Depois do massacre dos indefesos guardas suíços de Versalhes, seus cadáveres são partidos em regra, membro por membro e separa-se-lhes a carne dos ossos, até os reduzir a meros esqueletos.

Montgaillard nos conta que "em Meudon, havia um cortume para couros humanos — para as peles dos guilhotinados que pareciam valer a pena de serem esfolados. Serviam para fabricar uma camurça bem boa que se aproveitava na confecção de calças e outros fins". A pessoa que fornecera tais informações explica ainda que a pele dos homens excedia em resistência ao couro das cabras monteses, ao passo que a das mulheres era por demais macia e assim muito pouco aproveitável.